



FOTO VERONICA FALCÃO

mario mendonça

PINTURAS e DESENHOS



GALERIA DA PRAÇA

11 DE NOVEMBRO DE 1974

INAUGURAÇÃO AS 21 HORAS

RUA MARIA QUITERIA, 41 RIO DE JANEIRO, GB

*mas tem uma
outra referencia
ao Ivan*



APOCALIPSE - 1973 ACERVO DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES - RIO

Há muito tempo venho acompanhando a pintura de Mario Mendonça. Uma pintura discutida e polêmica, que pela obstinação do artista, quer por sua fidelidade interior e resistência aos risos demônios do ressentimento e da facilidade. Sua pintura tem vencido uma luta ferrenha, com as aproximações afetivas (P. Ucello, Marcier, Rego Monteiro), com o domínio perfeito de uma técnica que se autopuniu em muitos momentos de seguro exercício, com uma temática religiosa à qual ele aplicou a viva experiência de um mundo caótico, circense, alegórico, publicista. Seu Cristo é Arlequim, os algozes de seu Cristo ostentam para o povo os jornais de dia com as manchetes de seu martírio. Os seres humanos e os animais se envolvem mutuamente na participação épico/teatral da maior tragédia do gênero humano, muitas vezes com os personagens centrais em segundo plano, como se os protagonistas fossem apenas o pretexto para a análise das nossas fraquezas e da nossa gloriosa redenção. À medida que foi evoluindo o tema, sentimos nesta pintura seu amadurecimento material. A cultura da paixão, abeberada nos Evangelhos e em Ana Catarina Emerich, deu a este artista o necessário arrebatamento para a criação de uma textura gestual, de uma contenção cro-



Estas paisagens de Mario Mendonça, sem dúvida, inspiram-se, e de maneira inesquecível, da região histórica de Tiradentes, mas evidenciam também a sensibilidade e a visão de um poeta da pintura — e que desta exige o máximo. Há rigor e autenticidade nesses trabalhos que nada concedem à facilidade.

Na origem de cada um deles patenteia-se igualmente uma imperiosa necessidade de expressão e comunicação, em função de tudo quanto artista observou, decifrou, ordenou, sentiu. E isso, através de combinações de formas e cores, graças às quais nasce a obra transmissiva, e que acresce algo em nós. Pintando como pinta, Mario Mendonça, nos faz participar de uma realidade que pressentimos mas que não sabemos ver bem como de imagens frementes das suas relações com a natureza, e com ele próprio. Assim, pintar se torna um ato existencial e significativo, nem sempre, no entanto, unicamente, tributário do assunto — o mais discutível dos pretextos.

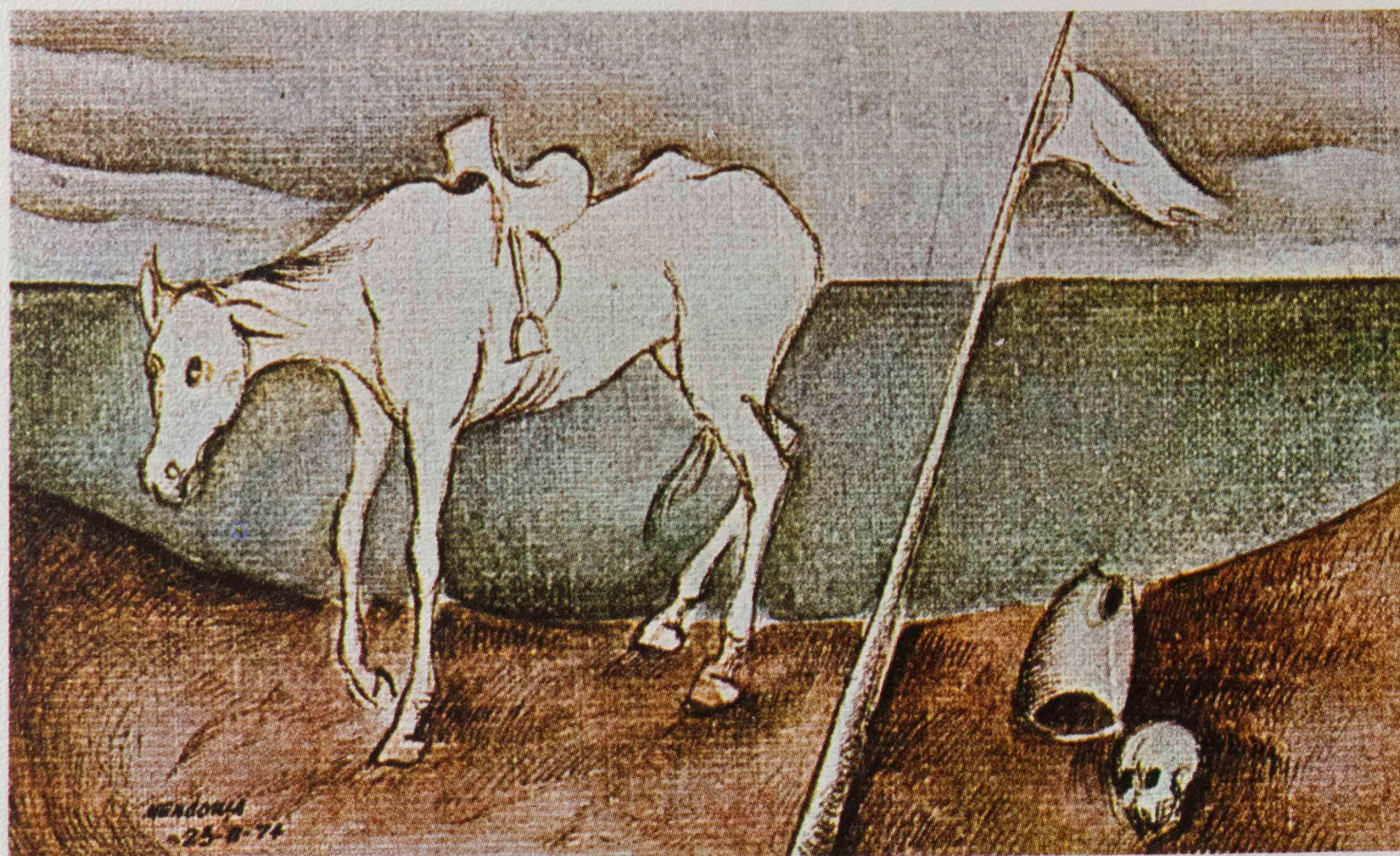
Linda, pois é a natureza, um dos motivos dessas telas de Minas que, entre vários temas evocam morros ondeantes sob céus ventosos, com nuvens negras e espessas, às vezes atravessadas por raios de uma luz branca e fria como neve, ou aqueles vales, com plantações vastas e cores intensas.

Uma das características, aliás, do nosso expositor, é a intensidade, que trai um fogo interior e, como convém, plásticamente traduzida. São as faturas dos painéis que respondem qualitativamente por aquele que os executou. A observação, generalizada, significa ainda que, o que mais importa é a pintura não o que ela representa. Prevaecem com a composição, o modo de utilizar a matéria, os instrumentos, os elementos lineares e pictóricos. É por eles que se pode indentificar um ser e, talvez, sua ética. Pintar, pelo menos para nosso pintor, é agir e se comprometer. Seus quadros nunca emudecem. Líricos e densos, são de quem, a um tempo meditativo, temperamental, e até sensual, anima e revela um mundo pessoal, mas aberto e que repercute em nós, — mundo feito de muito suor, de raivas e desesperos, porém, sobretudo de fé e amor, e que, pela arte, tudo transfigura.

Roberto Alvin Corrêa

mática na qual a iluminação dos brancos sem mancha, é a única ruptura de uma unidade apoiada em tons terrosos, com aberturas de púrpura e azul noturno. A abstração revolucionária, dos cânones clássicos das imagens sagradas, é outro ponto que ressalta deste apaixonante romance da salvação, que Mendonça persegue com uma sede rara e sem dúvida abençoada. Além de vestir de alerquim o Cristo ultrajado, os traços de seus detratores e apóstolos perdem-se intencionalmente num desenho ágil e expressivo, que estrutura a dinâmica de composições populosas e vibrantes. O cinema (uma remota lembrança das superproduções hollywoodianas), as histórias em quadrinhos, os programas psicodélicos da Televisão brasileira, informam visualmente a imagética deste artista que reconhece a sobrevivência do espírito cristão, em épocas tão contraditórias e apocalípticas como a nossa. O apocalipse, aliás, é um de seus temas centrais, porque toda a tragédia dos tempos modernos e da civilização da era industrial e tecnológica, tem muito a ver com estes símbolos pestilentos e purificadores. Com o andar seguro e generoso desta pintura, Mario Mendonça chegará sem dúvida ao Juízo Final que a pintura brasileira em sua longa história não consumou. Seu amor pelo ser humano, sua tolerância cristã, sua desmistificação do alçoz, sua análise de Cordeiro, seu domínio dos grandes espaços e da diagramação das massas, marcam o momento atual deste artista também um muralista em potencial. Sua obra sacra já está no museu do Vaticano, vários tempos, templos contemporâneos exibem suas cenas sagradas e vias sacras. A Igreja da beleza, com a qual fecharíamos gloriosamente o ciclo do amor (João XXIII) e do intelecto (Paulo VI) já se faz evidente na comunicação de seus pastores com este artista dedicado às escrituras. Não há nada casual nesta obra, nem neste encontro, que tem tido muito de debate e revisão. Coube-me apresentar a parte sacra da obra de Mario Mendonça. Faço-o com o mais profundo sentimento de admiração e respeito. A tragédia que ele evoca é a mais apta a nos despertar para a solidariedade e comunhão de amor, além de transmitir em termos de pintura, o momento consumado de um estilo cada dia mais pessoal e fascinante.

WALMIR AYALA
Set. 74



MARIO MENDONÇA — Desenhos

Esta é a primeira vez que o pintor Mario Mendonça dá a público seus desenhos. E o faz paralelamente a uma grande, importante e bem cuidada exposição de seus óleos recentes, metade deles voltada para suas cada vez mais explodidas e livres paisagens, metade outra voltada para a recriação de suas habituais e não menos poderosas cenas bíblicas. A presente coleção de desenhos foi inserida nessa mostra pelo próprio pintor; quase que como um apêndice, dir-se-ia até como uma isca tímida e ainda acanhada, jogada ao mar da visão pública em anzol curto para assuntar da solidez de suas futuras e do posicionamento de suas possibilidades. Depois de se ver os desenhos de Mario, é fácil comprovar que se trata de material de funduras sólidas e de possibilidades irreversíveis. Desenhar, Mario sempre desenhou, e desde menino de quatro anos, antes mesmo de aprender a escrever; o que — já se vê — foi o fato revelador mais definido do pintor que nele desabrocharia. Depois, já como pintor profissional, Mario sempre desenhou suas futuras pinturas; ele sempre as antevia, pressupunha-se na forma de desenhos que sempre receberam do artista o apelido (às vezes pouco adequado e até certo ponto injusto) de "meros estudos". Desenho pelo desenho, contudo, Mário só o assumiria mesmo há poucos anos atrás. E ao assumi-lo por inteiro foi o velho "deus-nos-acuda" das indagações e das perguntas quase insaciáveis e tão próprias do artista consciente, pertinaz, e rigoroso consigo mesmo que ele nunca deixou de ser. E a partir de suas próprias comichões no indagar sempre e sempre, seu desenho foi crescendo, foi tomando foros próprios de uma arte própria, foi sendo, sobremodo, objeto preferido das mil e uma instigantes probabilidades dos experimentos das técnicas mistas; e não demorariam a surgir, obedecendo certamente ao próprio estigma de um pintor, as cores, sempre buscadas com elaboração e cuidados nas suas ambiências mais discretas (da mistura do nanquim com os extratos de noqueira surgiram os cinzas, os pretos, os marrons, os verdes musgosos e os ocre baixos). Também logo o papel convencional já não bastava do artista, sequioso de novas e desconhecidas transparências; e o artista foi acabar parando na tela de linho, que de imediato representou todo um conjunto de novos desafios a começar pela textura ideal da tela, passando pelos instrumentos de trabalho (bico de pena, pincéis chatos, trapos velhos e até o dedo das mãos) para culminar na perfeita e harmoniosa busca da sonhada integração dos traços, das cores e das transparências. Eis, agora e aqui, o resultado de todo esse processo de criação, fruto do nobre caminho percorrido pelo metódico, pertinaz e amadurecido trabalho do pintor Mario Mendonça: são desenhos que abordam, como não poderiam deixar de ser, muito da temática básica proposta por seus óleos. Eu também diria — como o próprio artista ainda há pouco inicialmente me confirmava — que nos seus desenhos há sobretudo um começo de volta aos símbolos e signos da infância perdida; mas uma infância estranhamente amalgamada (ou acrescentada) com o amadurecimento das observações da vida e das coisas, da matéria e do espírito. E é na perseguição a esses símbolos de infância perdidos no inconsciente que surgem no desenho de Mario os cavalos (tão constantes nas primeiras aventuras de dentro do desenho experimentadas pelo então menino de quatro anos) e surgem também — como num filminho da vida — todo o complexo de lembranças trazidas pelas histórias em quadrinhos, pelas super produções cinematográficas, pelos primeiros e emocionantes livros de aventura. É todo esse mundo arquivado há tanto tempo no inconsciente do artista que, forjado pela magia do ato espontâneo da criação, volta e faz povoar o vigoroso desenho agora apresentado pela primeira vez ao público por Mario Mendonça.

15/Setembro/1974
Ricardo Cravo Albín

mario mendonça

exposições individuais

RIO — SÃO PAULO — BELO HORIZONTE — RECIFE — BRASÍLIA — BERLIM (Alemanha) — LISBOA (Portugal) — SANTARÉM (Portugal)

exposições coletivas

RIO — SÃO PAULO — BRASÍLIA — SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE — LONDRINA — TIRADENTES — BELO HORIZONTE — RECIFE — SANTARÉM (Portugal)

obras realizadas

1965/1966 — Matriz de N. S. Conceição (Gávea - Rio) — Paixão de Cristo segundo os quatro Evangelistas, 23 quadros (óleo sobre madeira).

1966/1967 — Matriz dos Santos Anjos (Leblon - Rio) — Painel com 24 metros quadrados (óleo sobre madeira), Ceia para o Altar Mor, Batistério, Púlpito, Espólio (sacristia), e 14 quadros (óleo sobre madeira) que compõem a Via Sacra.

1967/1968 — Capela das Almas da Matriz do Engenho Novo (Rio) 25 pinturas (óleo sobre tela) da criação do mundo ao Novo Testamento, que cobrem uma parede de 30 metros.

1969 — Capela de São José da Providência (Sertão - Petrópolis) — 2 painéis (óleo sobre madeira).

1970/1972 — Matriz do Cristo Operário (Rio) Via - Sacra óleo s/telas de 3 metros (10 telas) — depois de pronta os quadros foram exibidos durante 3 meses no Museu Nacional de Belas Artes e considerada uma das Exposições mais importantes do ano (citada no Livro Arte Brasileira Hoje — Ferreira Gullar).

obras contratadas e em fase de execução

MATRIZ DE RESSURREIÇÃO (Nova Igreja do Forte de Copacabana) Rua Francisco Otaviano, Via Sacra (14 telas) e Painel do Altar (4 metros) obra contratada em início de 1974 para ser entregue no primeiro semestre de 1975.

MATRIZ DE SANTA MONICA (Leblon - Rio) Via Sacra a ser iniciada quando do término da obra acima — (Segundo semestre de 1975)

MATRIZ DE N. S. DE GUADALUPE (Rio) — Obra a ser iniciada no primeiro semestre de 1976 — Via Sacra e Painéis laterais sobre o Apocalipse.

coleções

Possui obras distribuídas por coleções particulares do Rio, São Paulo, Minas Gerais (Governo), Bahia, Pernambuco, Brasília (Governo), Goiás, e no exterior em Argentina (Buenos Aires), Portugal (Santarém - Lisboa), França (Paris), Holanda (Amsterdã), Estados Unidos (Nova York), Alemanha (Berlim), Tchecoslováquia (Praga), Tóquio (Japão) e Estocolmo (Suécia).

museus

IBERO - AMERIKANISCHES INSTITUT — (BERLIM OCIDENTAL).

MUSEU DO VATICANO (Roma) — MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES (Rio).